



Artigo

Literaturas Infantis de Ontem e de Hoje: Violências Direcionadas às Meninas Negras Brasileiras

Rosa Silvia Lopes Chaves

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Guarulhos-SP.
Brasil.

lopes.chaves@unifesp.br | ORCID 0000-0002-3096-026X

Daniela Finco

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, Guarulhos-SP.
Brasil.

dfinco@unifesp.br | ORCID 0000-0002-5731-1091

Resumo

Este artigo aborda a literatura infantil brasileira e a questão da representação das meninas negras, mediada pelas lentes interseccionais do feminismo negro, considerando como as hierarquias construídas historicamente produzem e mantêm desigualdades sociais que permeiam as formas como as personagens meninas negras são apresentadas. Problematiza duas obras: o conto “Negrinha” (Lobato, 1920) produzido no século XX e o livro “Peppa” (Rando, 2010), produzido no século XXI, dialogando com entrevistas com 4 escritoras negras de literatura infantil contemporânea no Brasil. Ao olhar para as literaturas é possível perceber o quanto o racismo, a colonialidade do ser, do saber e do poder presentes e enraizadas no imaginário e nas práticas sociais e culturais. As análises revelam como as experiências de discriminação racial na pequena infância brasileira estão entre os elementos centrais para a construção de um processo de reconhecimento identitário. Reconhecer a assimetria de poder entre quem nomeia e é nomeado é uma das questões que pontuam a discussão das relações étnico-raciais. Os conceitos de representatividade, imagens de controle, violência simbólica são trazidos para pensar nas transformações, nas formas como as personagens meninas negras foram e são narradas historicamente na produção literária brasileira, pontuando também as permanências no que tange às formas de representação na literatura infantil



negra. Tal debate se mostra oportuno porque analisam o campo da literatura infantil de forma a evitar que disseminem o racismo e o preconceito e se sustenta numa perspectiva decolonial negra antirracista.

Palavras-chave: Violência; Literatura Infantil; Racismo; Sexismo; Feminismo Negro.

Abstract

This article addresses Brazilian children's literature and the issue of representation of black girls, mediated through the intersectional lenses of black feminism, considering how historically constructed hierarchies produce and maintain social inequalities that permeate the ways in which black girl characters are presented. It problematizes two works: the short story *Negrinha* (Lobato, 1920) produced in the 20th century and the book *“Peppa”* (Rando, 2010), produced in the 21st century, dialoguing with interviews with 4 black writers of contemporary children's literature in Brazil. When looking at literature it is possible to see how much racism, the coloniality of being, knowledge and power are present and rooted in the imagination and social and cultural practices. The analyzes reveal how experiences of racial discrimination in young Brazilian childhood are among the central elements for the construction of a process of identity recognition. Recognizing the asymmetry of power between those who nominate and those who are nominated is one of the issues that punctuate the discussion of ethnic-racial relations. The concepts of representation, images of control, symbolic violence are brought to think about the transformations, in the ways in which black girl characters were and are historically narrated in Brazilian literary production, also highlighting the permanences regarding the forms of representation in black children's literature. This debate is timely because they analyze the field of children's literature in order to prevent them from spreading racism and prejudice and are based on an anti-racist black decolonial perspective.

Keywords: Violence; Children's literature; Racism; Sexism; Black Feminism.

Introdução

Este artigo busca refletir sobre o processo de valorização e fortalecimento das identidades das personagens meninas negras, analisando as mudanças e permanências no contexto literário do Brasil. Tem como base resultados de uma pesquisa de doutorado que buscou analisar nas literaturas infantis as possibilidades de representação, narrativas e mensagens acerca das



personagens meninas negras brasileiras, buscando identificar como elas podem favorecer a visibilidade e a afirmação de suas identidades de gênero e étnico-racial no Brasil (XXXXX,XXXX)

Analisa as ciladas das imagens de controle, nas formas de representações identitárias das personagens meninas negras, confrontando historicamente as obras “Negrinha” (Lobato, 1920), produzida no século XX e “Peppa” (Rando, 2010), produzida no século XXI, refletindo sobre os aspectos materiais e simbólicos sob os quais as representações permeadas por desigualdades étnico-raciais e de gênero são socialmente construídas. Busca questionar as formas de retratar as meninas negras, reconhecendo a assimetria de poder entre quem nomeia e é nomeado. O artigo dialoga com os resultados de pesquisas que revelam como as perversas experiências de discriminação racial na pequena infância, buscando desnaturalizar ideias e preconceitos, questionar as diversas formas de violências que permeiam a vida das crianças negras, questões são especialmente importantes em tempos de acirramento do neoliberalismo, marcados pelo processo de deseducação e desumanização.

Os procedimentos metodológicos delineiam-se por meio da análise de literaturas, buscando compreender as formas de representatividade de meninas negras e sua relação com os processos de construção identitária nas infâncias. Ao olhar para literaturas como a “Negrinha” e “Peppa” é possível perceber o quanto o racismo, a colonialidade do ser, do saber e do poder estão presentes e enraizadas historicamente no imaginário e nas práticas sociais, culturais e educacionais, trazendo ainda muitos desafios para problematizar a infância das meninas negras na sociedade brasileira.

No Brasil, no começo do século XX, se observa a presença de personagens negras nas obras de literatura infantil, embora de forma estereotipada e subalternizada com relação às personagens brancas. Neste contexto, as obras de Monteiro Lobato marcam o campo da literatura infantil no Brasil, que consistiram em um flerte com a modernidade europeia e o ideal eugenista, consideravam a população brasileira miscigenada como uma deterioração da raça branca, trazendo em seu bojo o desejo republicano de um país hegemonicamente branco, como veremos na análise da obra “Negrinha”. Essas reafirmações racistas derivam de delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e ao valor do(a) negro(a) na sociedade brasileira.



Buscando identificar mudanças e permanências no contexto literário brasileiro, trazendo a produção literária contemporânea do século XXI, podemos identificar que a maioria das personagens continua sendo branca, e que as personagens negras ainda são em sua grande maioria sub-representadas, o que reflete as assimetrias e desigualdades das relações étnico-raciais que continuam se apresentam entre silêncios e estereótipos, assim como podemos ver nas análises do livro “Peppa”. O livro escrito por Silvana Rando (2010), uma premiada ilustradora e autora de literatura infantil, foi contraditoriamente aprovado no Programa Minha Biblioteca pelo Ministério da Educação (MEC, 2010), comprado e distribuído às escolas, por redes públicas de educação¹.

O estudo dialoga ainda com entrevistas realizadas com 04 mulheres negras autoras contemporâneas de literatura infantil brasileira, que trouxeram em suas falas as concepções de literatura infantil e suas críticas sobre as duas obras analisadas, trazendo suas experiências e comentando as relações percebidas entre as obras e as crianças, destacando o impacto dessas obras para as crianças. Mulheres negras, professoras, pesquisadoras, escritoras comprometidas com as infâncias, Sonia Rosa, Lucimar Dias, Kiusam de Oliveira e Odara Dele, nos ajudam a tecer narrativas que põem em destaque as construções identitárias das meninas negras. Os percursos e histórias compartilhadas por elas se aproximam e se distanciam, ao mesmo tempo em que revelam processos de mudanças e permanências. Nas particularidades de cada relato são retomadas memórias de infância, as experiências escolares, familiares e profissionais, revelando como elas enxergam as infâncias negras e na relação com as obras analisadas.

Tem como referencial teórico os Estudos Feministas Negros e os Estudos Sociais da Infância, que nos ajudam a tensionar a ideia universal de infância, destacando seu funcionamento como um dispositivo de poder, as normativas de gênero e raça que regem olhares, práticas educativas, culturais e sociais evidenciando a pluralidade de infâncias contrapondo-as ao discurso hegemônico eurocêntrico. Para isso o diálogo com os Estudos Feministas Negro Brasileiro – como os de Lélia Gonzales (1984), Sueli Carneiro (2011), Aparecida Silva Bento (2012), Nilma Lino Gomes (2003,

¹ Desenvolvido desde 1997 pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), seu objetivo é promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.



2019) auxiliaram o refinamento do nosso olhar, além de outras feministas norte americanas bell hooks (2017), Patricia Hill Collins (2019), que também contribuíram para o recorte analítico. As análises mobilizam os conceitos de imagens de controle, sub-representação e objetificação (Collins, 2019) para compreender os processos de usos e apropriações de imagens historicamente destinadas às infâncias.

A construção histórico social das infâncias negras brasileiras numa sociedade racista, colonialista, eurocêntrica, patriarcal e adultocêntrica, na qual muitas vezes os direitos destas meninas à provisão, proteção e participação social se encontram negligenciados. Em nossa sociedade brasileira adultocêntrica (Rosemberg, 1976) e baseada nos valores da branquitude (Bento, 2012), olhar para as meninas negras e valorizar suas formas de ser ajuda a desvendar as tramas de poder que revestem as relações sociais e invisibilizam essas crianças pequenas.

O campo de Estudos Sociais da Infância também contribuiu sobremaneira ao evidenciar as várias formas de ser criança e vivenciar as infâncias, entendendo as infâncias como construção histórico-social, como categoria estrutural e geracional que fazem parte e interferem na sociedade (Abramowicz & Oliveira, 2010; Finco & Oliveira, 2011; Trinidad, 2011; Souza, 2016). Nas perspectivas destas pesquisas surgem um olhar apurado para as infâncias negras brasileiras, uma vez que se constituem numa sociedade na qual são subordinadas e invisibilizadas, mas ao mesmo tempo (re)existem. Consideram que as Infâncias negras traduzem uma pluralidade e ao mesmo tempo singularidades, permeadas pelo tenso, conflituoso e desigual contexto sócio-histórico, econômico e político que perpassam as existências das crianças negras na sociedade brasileira.

As contribuições dos estudos sociais da infância, em especial da Sociologia da Infância pensada no contexto brasileiro, nos ajudam a desvelar a multiplicidade de infâncias e a diversidade brasileira. A questão da diversidade apresentada pelas crianças brasileiras exige pensar em condições educativas que valorizem e reafirmem as diferenças. O grande desafio está em dar visibilidade a uma criança concreta, que difere de uma criança homogeneizada. Trata-se, então, de conhecer as especificidades das crianças e das infâncias das camadas populares, que podem ser pobres, negras, meninos ou meninas. Ademais, também é necessário observar as marcas regionais e dialetais dessas crianças, as quais acabaram sendo excluídas da história e de experiências educativas emancipadoras (Finco & Oliveira, 2011).



No Brasil a questão de uma educação não racista se configura como um direito das crianças negras, uma vez que tais questões estão presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004a). O processo de constituição da identidade negra no Brasil é complexo, pautado no mito da democracia racial e no ideal de embranquecimento da população e consequente desvalorização e apagamento das corporeidades e ancestralidades negras num país pluriétnico e plurirracial.

Considerando que a garantia dos direitos, afirmação e valorização identitária das crianças negras, está preconizada nos princípios do Parecer do Conselho Nacional de Educação n.º 3/2004 (BRASIL, 2004b), este artigo busca trazer os subsídios para refletir como essas literaturas infantis podem auxiliar em possibilidades educativas emancipatórias. Nesta perspectiva, cabe-nos pensar como tais literaturas podem servir de suporte para as práticas educacionais, sociais e culturais com as crianças pequenas, tendo como eixos centrais as relações étnico-raciais e de gênero. Trata-se, pois, de afirmar seus direitos sociais e reconhecê-las enquanto sujeitos históricos que produzem culturas. E isso se traduz na investigação das múltiplas narrativas e perspectivas identitárias, pensando nas identidades como complexas e dinâmicas construções sociais e culturais, o que nos distancia de abordagens essencialistas e a-históricas.

Trata de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004b, p. 10)

Numa sociedade capitalista e neoliberal é preciso esclarecer de qual igualdade se fala, para não esvaziar o conceito e nem cair na armadilha da essencialização de relações construídas histórica e socialmente (Abramowicz et al., 2010). Há de se considerar percursos e oportunidades desiguais entre grupos sociais e raciais no que concerne à educação. Tais desigualdades se expressam em diversos níveis: simbólico, material, nas relações sociais, no direito a ser representado/a e ter respeitada sua dignidade humana, sem ser objetificado/a pelo/a outro/a. Além



desses níveis, as desigualdades se fazem presente no exercício da cidadania, já que a participação no espaço público e a capacidade de incidência na esfera política são bastante distintas quando comparados os diversos segmentos da sociedade.

Desse modo, neste artigo buscamos trazer por meio das literaturas infantis brasileiras de ontem e de hoje, as marcas das representações das meninas negras, focando na questão da representação e da constituição da autoimagem como parte do direito ao pertencimento racial das meninas negras. Trazemos para esse diálogo entrevistas com 04 mulheres negras brasileiras escritoras de literatura infantil, que nos ajudam a identificar as formas de violência assim como as formas de (re)existências, construindo um olhar crítico para as marcas das representações das meninas negras nas literaturas disponibilizadas para as crianças. Ao focar na questão da representação e da constituição da autoimagem como parte do direito ao pertencimento racial das meninas negras e como um importante meio de construção de suas identidades racial e de gênero, a pesquisa entrevistou 4 autoras, dialogando sobre o processo de construção das identidades de meninas negras, evidenciando os processos de valorização identitária e favorecendo a construção de pedagogias feministas antirracistas para a educação da primeira infância brasileira.

Mulheres negras, professoras, pesquisadoras, escritoras de literaturas infantis comprometidas com as infâncias, nos ajudam a tecer narrativas que põem em destaque as construções identitárias das meninas negras: Sonia Rosa, Lucimar Dias e Kiusam de Oliveira e Odara Delé. Os percursos e histórias compartilhadas por elas se aproximam e se distanciam, ao mesmo tempo em que revelam processos de mudanças e permanências. Nas particularidades de cada relato são retomadas memórias de infância, as experiências escolares, familiares e profissionais, revelando como elas enxergam as infâncias negras e na relação com as obras analisadas.

**Tabela 1***Escritoras Negras de Literatura Infantil entrevistadas*

Nome	Idade	Formação	Atuação profissional
Odara Delé	32 anos	Socióloga	Escritora de literatura infanto-juvenil concebida a partir dos encontros propiciados pela sua pesquisa afrocêntrica, em especial pelos povos Bantus, Socióloga, professora traz a língua como um dos traços identitários. Desenvolveu é coordenadora do ALFABANTU, um aplicativo no qual divulga a língua Kimbundu do tronco linguístico Bantu para crianças.
Sonia Rosa	73 anos	Mestrado em literatura comparada	Escritora de literatura infanto-juvenil, poeta, professora e socióloga. É mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ. Com mais de 60 livros publicados, tornou-se uma referência na área trazendo personagens negras e negros em protagonismo. Tem 27 anos de carreira como escritora, o encantamento pela palavra contada, permeia sua trajetória e suas experiências desde a infância.
Lucimar Rosa Dias	56 anos	Pedagoga, mestrado e doutorado em educação	Escritora de literatura infanto-juvenil, Professora universitária e pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, atuou na gestão da Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade na Área de Promoção da Igualdade Racial (SECAD, 2023). Recebeu vários prêmios e homenagens, se consolidando também no campo literário.
Kiusam de Oliveira	56 anos	Pedagogia mestrado em Psicologia, doutorado em Educação	Escritora de literatura infanto-juvenil e Professora Universitária. Educadora há 25 anos, com experiência desde a Educação Infantil até o ensino superior. Atua como formadora de profissionais de educação nas temáticas educação, relações étnico-raciais e de gênero. Recebeu diversas premiações, entre elas o Prêmio ProAC Cultura Negra 2012 e Prêmio Cátedra da Unesco 2021.

As vozes trazidas nas entrevistas permitem pensar em possíveis lugares seguros para promoção de rupturas com a narrativa hegemônica dos modos de ser da menina negra. Pensar nas relações étnico-raciais, gênero e infância a partir de outros paradigmas, pluralizando as narrativas desde a primeira infância se configurando como uma possibilidade de justiça epistêmica e curricular desde a Educação Infantil (Gomes, 2019). Sendo assim, ao tecermos os olhares para as literaturas infantis, indagamos: quais narrativas são ocultadas nas práticas sociais e processos educativos das



meninas negras? Quais são as relações de poder que forjam subjetividades e práticas colonizadoras desde a infância? Tais questionamentos fazem pensar na educação das infâncias, potencializando visibilidades às identidades que foram historicamente expropriadas pelo capitalismo, encobertas, hierarquizadas, sob a égide da colonialidade do poder, do saber e do ser.

Representações da Infância Negra: Imagens de Controle e Formas de Violência

Quando colocamos em xeque os imaginários oriundos da colonialidade do poder, apresenta-se o desafio de pensar nas imagens de representação de meninas negras em uma sociedade adultocêntrica que invisibiliza as crianças e não as garante formas de participação e decisão. Essas crianças, portanto, têm suas identidades diluídas e apagadas desde os primeiros anos de vida. Ao problematizarmos as formas de exclusão e violência, confirmamos o compromisso político com a justiça social para a garantia de direitos.

O diálogo com a socióloga Patrícia Hill Collins, a partir das epistemologias feministas negras, nos subsidia com o conceito de “imagens de controle” (Collins, 2019) traz para essa pesquisa o desafio de olhar a cultura material e as representações das infâncias de meninas negras na literatura infantil. Este conceito ajudou a evidenciar as facetas simbólicas e materiais do racismo e sexismo considerando que as meninas e mulheres negras são objetificadas e subalternizadas. São consideradas como “Outros/as” na sociedade, como aquelas que estão à margem. Paradoxalmente, configuram-se como base fundamental para a sustentação desta sociedade, permeada por uma lógica hegemônica de oposição binária delimitam o que seria o “centro”, ou seja, a branquitude, o patriarcado. Desafiar estas imagens de controle é uma das prerrogativas fundamentais da epistemologia feminista negra, favorecendo olhares que desestabilizam a ordem social hegemônica ao entender que a nomeação abre caminhos para a autodefinição.

A objetificação de sujeitos sociais assenta-se na lógica binária, na qual as diferenças são apresentadas hierarquicamente e categorizadas em oposição, em contradição e apagamento deste/a denominado/a como “Outro”, ou seja, aquelas/es que não pertencem ao grupo hegemônico. O controle e a manipulação do “Outro” garantem a manutenção e a naturalização dos privilégios do grupo que busca afirmar sua hegemonia. Variadas formas de objetificação deste “Outro” sustentam-se dentro da lógica da colonialidade do poder que, ao persistir, gera a invisibilidade, a



desumanização e, em alguns casos, a eliminação deste “Outro” (Collins, 2019). Observa-se que tomar como eixo uma epistemologia feminista negra, disruptiva em relação à ideia de universalização, significa buscar espaços para que a população não branca possa também ter protagonismo. Trata-se, pois, de romper estereótipos, exercendo resistência à supremacia branca, criando fissuras na linguagem e forjando espaços para a produção cultural, de modo que a valorização da diferença é decisiva para criar e fortalecer perspectivas contra-hegemônicas (hooks, 2017).

Desse modo, olhar para a literatura infantil buscando refletir sobre o direito a representatividade das meninas negras, as formas com que seus corpos e formas de ser são representados numa sociedade constituída a partir do “mito da democracia racial” (Guimarães, 2001), pela ideologia do embranquecimento e por uma cultura marcada pela invisibilidade de mulheres, sobretudo as negras, na história oficial brasileira (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2011). O exercício é o de pensar as meninas negras a partir de personagens protagonistas na literatura infantil negra, pensar na literatura infantil protagonizada por personagens de meninas negras revela-se como possibilidade de refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos subjacentes à constituição dos processos identitários na infância e, assim, problematizar as desigualdades étnico-raciais e de gênero presentes na infância brasileira.

Monteiro Lobato e a Representação da Menina Negra em “Negrinha”

Monteiro Lobato foi um escritor brasileiro que produziu uma longa lista de livros destinados ao público infantil. Sua produção proporcionou uma oferta para o/a leitor/a do público infantil, que outrora não era foco da literatura, que, até então, era mais voltada ao público adulto e jovem, neste sentido torna mais importante (e urgente) a crítica diante das premissas e ideais eugenistas, higienistas e racistas que permeiam sua produção literária. Lobato foi um grande defensor dos princípios que impregnam sua vida e obra. Sua trajetória foi marcada pela ideia supremacista branca, com a crença em uma suposta “raça pura” (branca). O ideal nacionalista do Brasil República era pautado pela busca do embranquecimento da população brasileira, delineado por contornos sanitários de defesa da esterilização e banimento da raça negra da sociedade. Estes ideais eugenistas foram disseminados pelo autor, conhecido como “maior” escritor de literatura infantil



brasileiro, tendo escrito de forma sistemática para as crianças a partir de uma perspectiva marcada pelo encantamento e fantasia (Souza, 2017).

Vale destacar, ainda, que este escritor tornou-se membro da Sociedade Eugenista de São Paulo (inaugurada em 1918). Em síntese, a eugenia foi se consolidando ao longo dos anos sob uma perspectiva nacionalista, higienista e sanitária. Com Lobato, essas ideias foram apresentadas de maneira “palatável” para um público infantil. Uma questão a se considerar no contexto das obras é que se almejava a construção de uma identidade nacional, que no Brasil tal construção se pautava no apagamento de negros e negras, com vistas a uma identidade étnico-racial nacional majoritariamente branca (Mendes & Maia, 2019).

Outro aspecto a se considerar é o processo, ocorrido entre os séculos XIX e XX, da construção histórica e cultural da infância, porque a construção de uma literatura para o público infantil só se fez possível em uma sociedade e cultura que conferiram a estes sujeitos sociais uma especificidade. Daí, justamente, decorreria a preocupação com textos vistos como adequados a estes sujeitos em formação. Antes a literatura era voltada majoritariamente ao público adulto. Neste sentido foi se delineando um longo processo histórico de construção de uma literatura voltada para as infâncias, para além de forjar um estilo e gênero literário, produziu-se concomitantemente uma identidade do leitor. Ou seja, ao definir e qualificar a singularidade dessa produção literária, produziu-se também uma representação de infância e leitor infantil (Gouvêa, 2005).

No conto “Negrinha”, a personagem é reportada pejorativamente a partir da sua fenotipia e pertencimento étnico-racial como negra. No enredo os apelidos e xingamentos reiteradamente a desqualificam: “pestinha”, “diabo”, “coruja”, “barata descascada”, “bruxa”, “pata-choca”, “pinto gorado”, “mosca-morta”, “sujeira”, “bisca”, “trapo”, “cachorrinha”, “coisa ruim”, “lixo”, “peste bubônica”, subtraindo seus direitos de ser reconhecida como criança. Fica evidente a violência simbólica e física que a personagem sofria, o que se observa também no trecho: “a sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço” (Lobato, 1920, p. 60).

Figura 1*Capas do livro "Negrinha"*

Neste conto, escrito por Monteiro Lobato em 1920, Negrinha é uma menina apresentada como um objeto, animalizada, fadada aos caprichos e aos castigos corporais convenientes à dona da casa, que na época a “adotou”, mas que, na verdade, não suportava a presença de crianças negras. Ao longo do enredo, desvelou-se um corpo que podia ser torturado, ser alvo de castigos, o que se configura como a continuidade de uma mentalidade escravocrata e racista, expressa nas cenas de tortura e castigos físicos que permeiam a narrativa. São várias as formas com que o narrador reitera a desqualificação da menina negra, expressas em constantes xingamentos que perversamente buscavam despojar a sua humanidade, banalizando as violências sofridas no seu corpo de menina.

A desigualdade social e racial entre os membros da casa era naturalizada pelo narrador, como indicam as diversas formas de violência decorrente das assimetrias entre a menina negra e as pessoas brancas que frequentavam a casa. A referência ao passado como “proprietária” de seres humanos que foram escravizados/as deixa claro que, para esta senhora, a despeito de haver uma lei que proibiu a escravização de seres humanos, ela reservava à menina o mesmo tratamento que dava aos escravizados como forma de afirmar seu poder. As constantes desqualificações da menina negra, em oposição às personagens brancas, reiteram sua animalização, a negação da sua subjetividade de sua humanidade e ao mesmo tempo engendra um ideário racista no qual polariza, hierarquiza e promove de certa maneira um mascaramento diante do qual a pretensa delimitação



de humano é circunscrita à brancura. Consiste em um dispositivo de racialidade que, derivada do colonialismo, a partir de uma ideologia supremacista branca, beneficia-se de representações escravagistas e das pseudo ciências racialistas para o mascaramento e justificativa da opressão e manutenção de privilégios (Carneiro, 2023).

Apesar das várias pesquisas com críticas e denúncias com relação ao ideário defendido por Lobato, este autor ainda é enaltecido e faz parte de leituras e contação de histórias em espaços coletivos de Educação Infantil, o que nos traz grandes inquietações, pois compõem, na maioria das vezes sem nenhum contraponto, os imaginários de meninas e meninos negros desde a infância. Daí a urgência de problematizar os elementos racistas que fundamentam e perpassam essa obra literária. Assim, ao olharmos para literaturas como a de *Negrinha* podemos perceber como o racismo ambíguo brasileiro é um dos pulmões por meio do qual se exala a colonialidade e o colonialismo presentes no imaginário e nas práticas sociais, culturais, políticas e epistemológicas brasileiras (Gomes, 2019). Oportunas são as discussões que analisam o campo da literatura de forma a evitar que disseminem o racismo e o preconceito, o que, na perspectiva decolonial negra antirracista, é inaceitável.

Institucionalização do racismo nos dias atuais: "Peppa"

A segunda obra que instiga nosso debate é o livro *Peppa*, escrito por Silvana Rando (2010), uma premiada ilustradora e autora de literatura infantil. A obra foi escolhida porque vendeu 37 mil exemplares e foi aprovada no Programa Minha Biblioteca 2010 pelo Ministério da Educação (MEC), de modo que chegou a compor parte dos acervos das EMEIs e CEIs da Prefeitura de São Paulo².

² O Tempo. (2017) Silvana Rando retira livro "Peppa" de circulação. (2024) *O tempo*. [S. l.] Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/silvana-rando-retira-livro-peppa-de-circulacao-1.1546128>. Acesso em: 2 abr. 2024.

Figura 2.

Capa e imagens do livro "Peppa"



A personagem principal, a menina Peppa é caracterizada como uma menina cujo seu cabelo crespo é representado a partir de um enredo e de ilustrações-estéticas permeadas de tensões, conflitos e diferentes formas de violências. O enredo foca no cabelo crespo de uma menina de pele clara. A história, então, gira em torno do desejo de alisar cabelo, os impedimentos para mantê-lo liso e a decisão de deixá-lo crespo. As adjetivações atribuídas revelam os estereótipos que o desqualificam. No início da história, a beleza de Peppa é colocada pela narradora, com destaque para o cabelo crespo armado “como os fios de aço”. Logo em seguida, a protagonista aparece como um bebê. Contudo, o seu cabelo aparece amarrado ao berço, de modo a puxá-lo. Uma primeira leitura poderia imaginar que o livro se propusesse a reafirmar e valorizar o cabelo crespo. Contudo, a sua caracterização ao longo da história acaba por reafirmar um padrão eurocêntrico. Afinal, o cabelo crespo vai se configurando como o cabelo abjeto, não humano: “fio de aço” e “cabelo forte”. Tais representações depreciativas e violentas são expressas também nas ilustrações. Em uma dessas ilustrações, Peppa aparece puxando uma geladeira com o cabelo, e em outra brincando usando seu cabelo como uma corda num cabo de guerra com outras crianças. Estas imagens trazem à tona a ambiguidade do racismo implícito ao longo da história brasileira. (Lima, 2017).

Independentemente do fato de Peppa estar sendo apresentada como uma menina de pele clara e cabelo com textura qualificada em “forte como aço”, com o qual ela consegue arrastar geladeira ou fechar pacotes de biscoito, as ilustrações convergentes acabam, na realidade, por reforçar o crespo como uma estética abjeta. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso de alicates e de outras ferramentas para cortar o cabelo forte como “fios de aço”. Com a comparação pejorativa que se atrela ao imaginário racista que aponta o cabelo crespo como “bombрил” e a outras



depreciações, há o desejo de Peppa em alisar o seu cabelo a busca de se adequar a uma estética etnocêntrica.

O livro provoca-nos, por isso, a pensar no impacto das obras de literatura infantil na construção das identidades de meninas negras e como este processo se reflete no espaço da educação da pequena infância. Como observa Gomes (2003, 2019), o cabelo crespo é um sinal da negritude nos corpos. Logo, mesmo a pele clara – que poderia ser vista como um avanço na representação variada de negros e negras – não é suficiente para atenuar os problemas das representações racistas na obra.

Na ilustração, *Peppa* não tem apenas fios resistentes, mas, crespos. Poderiam inspirar o retrato, entre outros, de crespos árabes, judeus ou de filhos inter-raciais. No comparativo, para todas essas possibilidades, os cabelos afros possuem diferenciais imbricados na história da cidadania negra. No entanto, a associação pejorativa com os termos, chumaço, crespo de aço, remete não a qualquer crespo, mas às expressões racistas tão naturalizadas. As ambiguidades presentes tanto na trama como na ilustração vão se revelando e os estereótipos se fazem cada vez mais presentes ao olhar inicial, possivelmente desavisado de alguns(mas) leitores(as). Ações violentas caracterizadas como brincadeiras, nas quais o cabelo serve para fazer cabo de guerra, constituem-se em situações absurdas. Essas situações absurdas ratificam a natureza deste cabelo como fora do padrão liso e, no limite, humano. As ilustrações demonstram como funciona esse mecanismo de perpetuação racista. Por fim, uma lista de restrições para manter o cabelo liso faz com que Peppa desista e fique com o seu cabelo crespo. Observe-se, então, que a solução da tensão narrativa oferecida pela história não denota uma valorização, mas sim resignação e reafirmação de uma estética etnocêntrica.

Ao olhar para esta obra percebemos que infelizmente o racismo continua sendo reiterado também em obras atuais. Por essa razão, é relevante problematizar quais literaturas infantis vem sendo destinadas para as crianças e refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos que expressam as desigualdades de gênero e étnico-racial. Considerando que as experiências de discriminação racial na infância estão entre os elementos centrais que constroem um processo de reconhecimento e pertencimento racial e de gênero, a reflexão sobre essas produções literárias, juntamente com os olhares de mulheres negras escritoras, pode nos ajudar a refinar o olhar para



problematizar o processo de educação do corpo negro da menina negra e o direito à construção de pertencimento.

Olhar Crítico das Mulheres Negras Escritoras de Literaturas Infantis

As falas das entrevistadas buscam trazer elementos para contribuir para o exercício de desnaturalizar ideias e preconceitos, fomentar questionamentos no que tange às desigualdades sociais e às diversas formas de violências que permeiam o processo educativo das crianças. A força dos simbolismos presentes nas representações das obras analisadas reitera a violência contra as meninas negras brasileiras, legitimando a vergonha, a humilhação e as diferentes formas de violências.

Esses sentimentos decorrentes das formas de representação presentes nos livros analisados, também permeiam as lembranças, experiências e as críticas das entrevistadas. Kiusam nos alerta para a "dor de ler" obras racistas como a de Monteiro Lobato. Aponta as hierarquizações ao lembrar que a obra de Monteiro Lobato fazia parte dos livros de leitura obrigatória no seu processo de escolarização. Relata uma proposta educacional pautada na estética e privilégios da branquitude, na qual não haveria espaços para protagonismos negros, muito pelo contrário a violência se expressa tanto no ocultamento como nas reiteradas desqualificações e animalizações nas representações das meninas negras:

Eu não tinha mais condições e estrutura psíquica para ler o Monteiro Lobato. Porque a cada livro, a cada capítulo lido, com aquelas palavras ofensivas, a forma como era tratada, o lugar social ocupado por ela, a forma como era ilustrada. Isso era muito aviltante! Porque as crianças reproduziam na sala de aula e no horário de recreio, aqueles xingamentos, então, eu virava a beijuda, era chamada assim. Eu também era também chamada de burra. Formavam roda em todos em volta de mim e começavam a xingar com os xingamentos apresentados por Monteiro Lobato, naquelas histórias. Então, chegou um momento que apesar de ser obrigada a ler o livro, eu não dava conta de ler. Então, minha mãe lia oralmente pra mim, porque eu tinha que fazer prova, eu tinha que saber alguma coisa. Eu já me recusava a ler, não tinha estrutura para ler. (Entrevista com Kiusam de Oliveira)

A representação caricata e estereotipada do corpo negro, em especial da meninas negras revelam como o corpo negro feminino infantil é marcado pelos xingamentos, alvo de constantes



agressões que foram reproduzidas pelos seus coetâneos nos momentos de interação dentro e fora da escola: “*eu virava a beijuda, era chamada assim!*” “*Eu também era também chamada de burra! Formavam roda para fazer aqueles xingamentos todos em volta de mim e começavam a xingar, com os xingamentos apresentados por Monteiro Lobato, naquelas histórias*”. No relato da Kiusam de Oliveira uma questão também fica em destaque: a falta de intervenção das adultas, parece que o silêncio acaba encobrindo este sofrimento e ofensas, o que as reafirmam.

Quando se pensa nas adjetivações direcionadas à Negrinha tendo a cor da pele e os traços fenotípicos de negritude como aspectos abjetos distantes da representação hegemônica de humanidade é de se estranhar que as falas racistas não causem repulsa. Fica evidente a conexão direta e persistente entre a manutenção da ideologia supremacista branca de nossa sociedade e a naturalização de imagens específicas para as representações de raça e negritude (hooks, 2017).

A insistência em apresentar Monteiro Lobato para as crianças, segundo Lucimar Dias, coaduna com o pacto narcísico da branquitude, o desejo de manter relações de poder: “*A gente tem hoje uma produção literária, não só de temática africana, e afro-brasileira, muito mais qualificada, do que a produção do Monteiro Lobato. Essa insistência em mantê-lo, tem muito mais a ver com as relações de poder social, com o que ele representava.*” (Entrevista com Lucimar Rosa Dias). Lucimar Dias e Sonia Rosa ressaltam e expressam também suas críticas sobre o teor racista e didatizante da obra literária deste autor:

Não dá para deixar de fazer uma leitura crítica do Monteiro Lobato para as crianças. Quem lia mais Monteiro Lobato, não eram as crianças negras, era uma camada social branca, elitizada, que não se sentia ofendida, porque não era sobre elas que ele estava dizendo que era beijuda, que era macaca, que era imbecil. Essas pessoas, naquele tom narcísico, são acionadas. Então, essas são as primeiras que vão defender o Monteiro Lobato, porque não bateu nelas. (Entrevista com Lucimar Rosa Dias)

Eu tenho uma posição muito explícita sobre Monteiro Lobato: eu acho ele racista, mas as pessoas gostam de defendê-lo dizendo “Ah, ele era racista, mas ele era datado! Ele era datado como literatura!” (Entrevista com Lucimar Rosa Dias)

Sonia Rosa, ao problematizar as literaturas de Monteiro Lobato, destaca seu espanto com um grande número de pessoas que ficam ofendidas quando expõe suas críticas sobre o racismo nas obras. A principal justificativa para a produção de Monteiro Lobato é dimensionar o escritor à época em que vivia, como forma de isenção, desconsiderando e/ou não se importando com a posição



eugenista e sanitária deste escritor no cenário político e literário um racismo explícito da de sua obra:

Monteiro Lobato era um homem do seu tempo, óbvio, todos nós somos do nosso tempo, mas eu sou totalmente crítica à obra de Monteiro Lobato, porque ele era um homem comprovadamente, documentalmente eugenista, um homem que não gostava de preto. Ele estava muito afinado com a política de branqueamento, com uma política de descaso, desvalor, desatenção pela gente brasileira negra e mestiça. Então, isso ele expressa isso dentro dos seus textos, dentro das linhas e entrelinhas, e de forma bem explícita. (Entrevista com Sonia Rosa).

Não é possível a gente acolhê-lo, porque o racismo explícito da obra dele. Ele é racista. Eu não vou difundir uma obra racista, mas o problema para mim é que, pelo que ele representa para algumas pessoas. Ele instaurou o olhar racista dentro da literatura, ele foi formado nisso. Não posso permitir, eu não trouxe Monteiro Lobato para a minha casa, na educação dos meus filhos. (Entrevista com Sonia Rosa).

Neste sentido, as falas apontam o racismo explícito fomentado e naturalizado na sua produção literária, fazendo questionar a quem interessa difundir estas representações que subalternizam as meninas negras. Uma literatura infantil que traduzia os ideais republicanos de um país escravagista que tinha o desejo de manter as relações, hierarquizações e privilégios raciais sustentados pela colonialidade do poder, do saber e do ser traduzidos no desejo de embranquecimento da população brasileira. Um escritor eugenista defensor da supremacia branca (Habib, 2007; Porciúncula, 2014; Souza, 2017) traz em sua produção literária perversamente os ranços do sistema escravagista tanto na desqualificação e desumanização das personagens femininas negras, num referencial pesadíssimo para as crianças como alerta Lucimar.

É um conto pesadíssimo. Li análises sobre ele, tanto de quem condena em absoluto o texto, quanto de algumas que reconhecem a desumanização absoluta. Então, devemos nos questionar qual é o grau de desumanização que pode ser apreendido a partir desse conto. (Entrevista com Lucimar Rosa Dias)

Ao se referir ao livro Pepa, Lucimar Dias explicita uma das ciladas na literatura infantil que ao invés de inovar na narrativa e forma de ilustração reitera o racismo, numa aparente narrativa que muito foi divulgada como a relação de uma menina com seu cabelo crespo e aceitação, mas o que se detecta é um cabelo representado como desumano e abjeto, o que fica evidente na sua fala: "*Essa história é horrível! Para as crianças, para qualquer pessoa que tem o cabelo crespo. Porque ela desumaniza, porque o cabelo virou algo absurdo, não é que a gente não possa imaginar as*



coisas, a literatura é feita para imaginar também”, considerando que o cabelo é uma dimensão identitária. No caso tal obra vai na contramão do que preconiza a legislação, em especial no que diz respeito à “valorização, resistência e não na depreciação” (Entrevista com Lucimar Dias).

O cabelo é uma questão identitária fundamental, importante especialmente para mulheres negras, em relação a sua constituição identitária e para as meninas negras por consequência. Ler um livro desse para uma criança, seja ela negra, ou não negra, é trazer o repertório racista sobre cabelo para essa criança. Uma criança negra vai se sentir extremamente desconfortável. Porque ela só vai ser valorizada se ela alisar o cabelo. É isso que o texto está dizendo. E isso é o contrário, do que quem disse que escreveu. (Entrevista com Lucimar Dias)

A gente não precisa de uma literatura dessa. Precisa tirar do mercado um livro desse. Não dá pra fazer ponderações, com uma literatura dessa qualidade. Ela é racista! Por que fazer com um cabelo crespo? Por que com crespo pode? Quer dizer, pode desumanizar uma pessoa que tem um elemento próprio do grupo negro? Precisa ter o entendimento que isso fere a sensibilidade. Não pode! (Entrevista com Lucimar Dias)

O desserviço para as crianças negras e não negras é evidenciado por Lucimar Dias, uma vez que desconsidera ao abordar tal temática o acúmulo de estudos sobre a temática no fim, normaliza o cabelo liso. Um enredo e imagem que gera desconforto para as crianças negras e não negras que tenham cabelo crespo, faz uma alusão às formas tradicionais de representação da personagem menina negra.

Sonia Rosa traz em sua fala a dor que gera ao ver o cabelo ser apresentado desta maneira, uma vez que o cabelo crespo é um signo identitário com a pele negra. Pessoas descomprometidas com a luta antirracista que “*não tem sensibilidades*” e entendimento do quanto isso afeta, fere a autoestima das crianças negras: “*ela não pode pegar o cabelo e transformar o cabelo em coisa porque isso fere!*” Sonia Rosa também traz em sua fala a dor gerada ao ver o cabelo ser apresentado desta maneira, uma vez que o cabelo crespo é um signo identitário negro. Aponta como literaturas descomprometidas com a luta antirracista reafirmam violências simbólicas que ferem e afetam diretamente a autoestima das crianças negras:

São livros com problemas muito graves, de pessoas que escrevem sobre algo que não dominam. Então, não dá para brincar com o cabelo de ninguém, porque cabelo é algo que representa uma história. Representa sua família. Por que o racismo dói tanto? Quando falam do nariz da gente, do cabelo da gente, da boca da gente. Porque fala da família da gente: fala da sua mãe, do seu pai, da sua avó, do seu avô, seu bisavô. Por isso que dói tanto. Dói como se doesse toda uma geração. (Entrevista com Sonia Rosa)



A partir da história da Peppa, Sonia Rosa reverbera em se tratando da dor provocada pelo racismo: *“não dá para brincar com o cabelo de ninguém, sabe, porque cabelo é algo que representa uma história. Representa a história da sua família, isso eu falo para as crianças. Por que o racismo dói tanto? Remete e fere a identidade individual e coletiva. As falas das entrevistadas também chamam também a atenção para ilustração do livro Peppa que expressam a violência: “um cabelo que é considerado super forte, que aguenta puxar absolutamente tudo. É uma violência!”*

A representação de um cabelo que é considerado super forte, que aguenta puxar absolutamente tudo. É uma violência! Essa história é extremamente violenta. As professoras trabalharam muito, achando que era “o livro” para cabelo, que ia num contraponto. (Entrevista com Kiusam de Oliveira).

É muito desrespeitoso a gente não pode pegar o cabelo de alguém, principalmente no que diz respeito às crianças, porque, os livros falam do mundo, falam da sensibilidade, falam das relações, então a gente deve ser muito cuidadosa. A criança que não gosta do cabelo dela, pode vir a ter um comprometimento. Que às vezes não controla, a criança adocece, tem uma febre, cria uma doença porque ela não conseguiu administrar tal violência. Temos que falar do poder das histórias... (Entrevista com Sonia Rosa)

Os efeitos do racismo que fere e adocece, leva à auto rejeição: *“a criança que não gosta do cabelo dela, pode vir a ter um comprometimento, sabe? Que às vezes não controla, a criança adocece, tem uma febre, um piriri, cria uma doença porque ela não conseguiu administrar”* Neste sentido Sonia Rosa fala do poder da literatura e do fazer literário destinado ao público infantil, uma vez que povoam imaginários: *“porque, os livros falam do mundo, falam da sensibilidade, falam das relações, então a gente deve ser muito cuidadosa”.* (Entrevista com Sonia Rosa)

Ao comentarem sobre o livro da Peppa, as entrevistadas convergem na denúncia da violência simbólica na forma como retrata as adjetivações: um cabelo de aço, a imagem puxando a geladeira, dentre outras, dão conta dessa violência simbólica. Para além disso, é importante lembrar que processo de naturalização da violência não se reduz à aparência física, pois traduzem construções culturais, políticas, identitárias imersas em processos tênues e tensos: autoestima, autoimagem e imagem social do negro (Gomes, 2019).

Kiusam nos aponta a necessidade da produção literária fortalecer as crianças negras diante da violência racial, tendo em vista que essa violência racial coloniza corpos e conhecimentos. Aponta como a produção literária pode almejar ampliar referências também para as crianças não



negras, pluralizando e valorizando as corporeidades negras: “os livros todos são focados, eu penso que as crianças precisam ser preparadas para enfrentar a violência do racismo”. (Entrevista com Kiusam de Oliveira) com a necessidade de uma “Literatura Infantil Negra-Brasileira do Encantamento, que coloque o dedo na ferida do racismo”, questionando a virulência do racismo e seus impactos nas crianças, literaturas. "amores", como apontam as entrevistadas:

É disso que eu falo, quando eu trago na escrita, essa literatura do encantamento! É do encantamento, porque, é dessa forma que eu entendo que as nossas crianças pretas precisam se (re)encantar pelos seus corpos, que são violentados e violados, desde muito cedo, quando saem da socialização primária, vão para socialização secundária, na escola, desde o berçário. É nesse sentido uma literatura para encantar a criança negra para o seu próprio corpo. (Entrevista com Kiusam Oliveira)

Então a gente vai ler outras histórias. Você não vai só falar das dores, mas dos amores, porque isso é uma visão também preconceituosa. Você escolhe: vai falar da dor ou você vai falar das possibilidades. (Entrevista com Sonia Rosa)

Trazer outras vozes e narrativas que deveriam compor e ampliar os cenários contemporâneos tendo como mote uma educação antirracista. As escritoras escolhem apontam para a necessidade das literaturas serem permeadas de “amores” e com ele povoar narrativas negras afetivas que promovem, letramento racial para as crianças negras e não negras. Quando pensamos em fortalecimento da menina negra, a partir das personagens femininas negras na literatura infantil as escritoras apontam suas concepções e suas críticas sobre empoderamento das meninas negras.

Assim como pudemos perceber pela pesquisa que não serve qualquer forma de representação da criança pequena negra. Os olhares críticos construídos com as escritoras negras nos últimos anos, apontam para a necessidade de uma vigilância constante para não reproduzir imagens que afetam sua dignidade, ao se levar em conta que a criança negra pequena se depara com xingamentos e adjetivações pejorativas no que se refere ao seu corpo, cabelo, cor da pele, dentre outras formas de apresentação que visam subalternizar seus corpos diante das narrativas hegemônicas.

Em contraponto às histórias analisadas, as escritoras destacam um importante papel da produção no campo literatura infantil contemporânea antirracista, como um caminho de leveza, do encanto e do acolhimento. Como uma possibilidade de cura, um respiro de vida, para o reconhecimento e valorização da multiplicidade de existências, de fortalecimento identitário, de



politização e empoderamento” e, finalmente, “para as crianças negras possam se ver de uma forma positiva. Apontam ainda a necessidade de “*inverter a chave*” (Lucimar Dias) transformar em fortaleza, o que antes as fragilizava, vencer a timidez e afirmar-se de forma positiva. A produção dessas escritoras revela uma “*literatura infantil negra contemporânea do Encantamento*” (Kiusam de Oliveira), uma literatura de “*Afetividade Negra*”, (Sonia Rosa) podem se constituir como ferramentas de fortalecimento ao contemplar as diversas formas de pertencimento étnico-racial, bem como combater estereótipos sexistas que atingem as meninas negras.

O debate nos ajuda a visualizar as mudanças que dão visibilidade à pluralidade identitária, revelam possibilidades das meninas negras expressarem visões de mundo próprias, terem suas identidades valorizadas e fortalecidas. As falas das autoras negras entrevistadas convergem, portanto, para o reconhecimento da literatura infantil como ferramentas simbólicas, revelando a necessidade de narrativas e mensagens positivas acerca das personagens meninas negras, trazendo subsídios para fortalecer sua representatividade, criar posturas e valores que as fortaleçam e as eduquem para o pertencimento e diversidade étnico-racial.

Considerações Finais

Os estereótipos e a sub-representação negra, configuram-se como reflexos e indício do racismo sistêmico no Brasil, também presentes na literatura infantil. Pensar nas formas de representação das meninas negras a partir das personagens *Negrinha* e *Peppa* nos forneceu evidências da urgência da luta antirracista no Brasil. Ao mesmo tempo que trouxe subsídios para desnaturalizar este processo de construção social nomeado como “Outremização”, que por meio de estratégias de desqualificação, subalternização, em especial no que se refere ao racismo anti negro, acaba por perpetuar a dominação e o controle, enquanto mascara e justifica a violência colonizadora.

Perceber como as perversas ciladas do racismo e do sexismo permeiam a representação das meninas negras, as formas como representam a sub-representação e desumanização nos diferentes enredos e contextos históricos. Ao trazer estas personagens construídas em diferentes tempos históricos, percebemos a dinâmica entre matrizes de poder entre raça, gênero e infância



que se entremeiam de forma complexa, gerando desigualdades e opressão que se evidenciam na produção literária. Problematizar as formas de normatividade que permeiam as representações das meninas negras na literatura infantil, o que trouxe possibilidades de realizar um expressivo processo de ressignificação e (re)existência no contexto de racismo e sexismo presente nas vidas das meninas negras desde a primeira infância. Ao questionar as representações imagéticas e práticas discursivas que colocaram o corpo feminino negro da pequena infância num lugar de invisibilidade, desumanização e objetificação, por exemplo, como as obras de *Negrinha* e *Peppa*, foi possível notar que as questões das representatividades identitárias da menina negra, configuram-se como violências frutos do racismo e do sexismo presentes na sociedade brasileira.

As literaturas infantis, compreendidas como parte da cultura material carregada de simbologias, serviram de suporte para compreender as formas de representação e representatividade das personagens de meninas negras e sua relação com os processos de construção identitária na infância. As formas de representatividades podem se configurar como violências que dissimulam as perversas maneiras com que o racismo opera e se mascaram nas literaturas infantis, afetando os modos de ser das infâncias negras.

Finalizamos destacando a necessidade de retirar da invisibilidade o racismo que se configura diante da violência explicitada fruto de uma sociedade escravocrata, construída a partir de um imaginário e estética colonialista, que ainda permeiam as relações sociais no Brasil. Dar importância e visibilidade aos processos de resistência e luta contra o racismo e sexismo que permeiam as vidas das crianças negras brasileiras, especialmente tendo em vista as relações assimétricas de poder tão características do Brasil. Ao problematizarmos as formas de exclusão e violência, confirmamos o compromisso político com a justiça social para a garantia de direitos das crianças.

Referências Bibliográficas

Abramowicz, A., Oliveira, F., & Rodrigues, T. C. (2010) A criança negra, uma criança negra. In: Abramowicz, Anete; Gomes & Nilma Lino (org.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Autêntica.



- Bento, M. A. S. (2012) A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. CEERT, p. 98–117.
- Brasil. (2004a) Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CP 3/2004*. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília.
- Brasil. (2004b). Conselho Nacional de Educação. *Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004*. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília.
- Carneiro, S. (2011) *Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil*. Selo Negro.
- Carneiro, S. (2023) *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar.
- Chaves, R. S. L., & Finco, D. (2021) Questões étnico-raciais, políticas públicas e o direito das crianças pequenas a uma educação antirracista. In: M. A. G. Monção, & L. M. R. Barbosa, (Org.). *Políticas Públicas de Educação Infantil: diálogos com o legado de Fúlvia Rosemberg*. Pedro & João Editores, p. 181- 204.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo: Boitempo.
- Finco, D. & Oliveira, F. (2011). A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: A. L. G. Faria & D. Finco (org.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados. p. 60–80.
- Gomes, Nilma Lino. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, 29(1), p. 167–182.
- Gomes, N. L. (2019). *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Autêntica.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223–244.
- Gouvêa, M. C. S. (2005). Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, 31(1), p. 77–89.



- Guimarães, A. S. A. (2001). Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos Cebrap*, 3(61), 147–162.
- Habib, P. A. B. B. (2007) Saneamento, eugenia e literatura: os caminhos cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926). *In.*: Congresso Nacional de História, 24., 2007, São Leopoldo (RS). *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*. São Leopoldo (RS): ANPUH.
- Hooks, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Martins Fontes.
- Lima, H. P. (2017). Peppa e o debate público: relações raciais nas páginas de livros infantis. *Instituto Emília*. <https://emilia.org.br/peppa-e-o-debate-publico-relacoes-raciais-nas-paginas-de-livros-infantis/>.
- Lobato, M. (1920). *Negrinha Conto*. Globo.
- Mendes, N. B., & Maia, F. N. (2019). Monteiro Lobato, Racismo e Literatura: narrativas de um eugenista. *Revista Espaço Livre, Goiânia*, 14(28), p. 53–65.
- Porciúncula, R. F. (2014). *As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção*. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura Comparada) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- Rando, S. (2010). *Peppa*. Brinque-Book.
- Rosemberg, F. (1976). Educação para quem? *Revista Ciência e Cultura*, 28(12), p. 1466–1471.
- Souza, J. W. (2017). *Raça e Eugenia na Obra Geral de Monteiro Lobato*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UFJF, Juiz de Fora.
- Souza, E. G. L. (2016). Crianças Negras e Culturas Infantis: Aportes para a Descolonização das Infâncias. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, [S. l.], 4(2), 24–37.
- Trinidad, C. T. (2011). *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.